

**Da existência da relação sexual em Freud.
Um percurso a partir do encontro entre Freud
e Jung e o debate sobre a teoria da libido¹**

Kátia Mariás

O encontro

Apropriamo-nos das palavras de François Regnault para delimitar esse cenário e dizer que “[...] é com a emoção de um suspense que se pode ler a correspondência entre Freud e Jung, trocada entre 1906 e 1914 e publicada depois da morte de ambos, com os cuidados diligentes dos editores e a autorização de seus dois filhos”².

A interlocução entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung³ iniciou em 1906, quando este enviou a Freud seus *Estudos sobre Associações*⁴, como resultado de suas experiências com associações verbais.

Veremos nessa correspondência que então se inicia um trabalho em conjunto que se estenderá por, aproximadamente, sete anos. Freud se interessou pela experiência dos psiquiatras suíços⁵, vendo nessa associação uma oportunidade de ampliar os limites das psicoses, além de “cortar o cordão umbilical judaico da psicanálise e torná-la aceitável aos não-judeus”⁶, uma vez que Bleuler e Jung não eram judeus. Freud se preocupava com o fato de que a psicanálise pudesse ser identificada como uma “ciência judaica”. Sua pretensão era de que ela fosse reconhecida como uma ciência com a dimensão universalista que estava presente em qualquer discurso científico. Era crucial para Freud a abertura do movimento psicanalítico para outros territórios, para desviar a psicanálise dos intensos preconceitos anti-semitas então existentes.

Jung, numa carta, anuncia e promete para breve a publicação de seu "pequeno livro" no qual, partindo das idéias de Freud, aborda a demência precoce⁷.

Infelizmente, falta a carta de Freud acusando o recebimento do livro e comentando-o. Não podemos precisar esse momento, mas uma carta de Freud, datada de seis de dezembro de 1906, diz o seguinte:

[...] ainda não formei uma opinião definitiva sobre a linha divisória entre demência precoce e paranóia [...]. Minha experiência no campo é, porém limitada. A esse respeito tentarei acreditar no senhor⁸.

A julgar pela carta de Jung, justificando-se pelo conteúdo do livro, podemos deduzir que Freud fez críticas ao seu texto. Jung diz que o princípio fundamental que o guiou nas reformulações das pesquisas de Freud foi "a consideração pelo público acadêmico alemão" e, além de sua pouca experiência com a psicanálise, o fato de eles nunca terem se encontrado pessoalmente e as condições "extremamente" difíceis do seu trabalho, uma vez que seus pacientes eram quase sempre "insanos e sem instrução"⁹.

Freud responde, imediatamente, afirmando que só o fato de ter proposto uma crítica demonstra que o livro o entusiasmou, caso contrário não a faria. A crítica se refere à inclinação de Jung em recorrer às toxinas, omitindo o fator sexual a que ele atribuía, pelo contrário, muito mais importância, servindo-se dela, apesar de não ter chegado a nenhuma solução. "Os antigos sabiam que Eros é um deus inexorável"¹⁰.

Mais uma vez, Jung justifica sua "alusão" às toxinas por temer mal-entendidos, dizendo ser "notória a índole obtusa do respeitável público". Ele acreditava que uma secreção endócrina "interna" pudesse ser a causa das

perturbações e que talvez as toxinas fossem produzidas pelas glândulas sexuais¹¹.

É claro o interesse de Jung em satisfazer o público científico, posição radicalmente oposta à freudiana. Freud tenta convencê-lo de que os grandes mestres da psiquiatria têm pouca importância, mas Jung fica dividido entre eles e Freud. Veremos que ele se renderá aos mestres no que diz respeito à libido sexual¹².

Sabemos que Freud se interessou muito pelo papel que a sexualidade desempenhava na vida psíquica do ser humano e esse interesse despertou inúmeras críticas, tanto por parte do círculo psicanalítico da época, quanto por pessoas alheias a esse círculo. À revelia das resistências que enfrentava quanto ao tema da sexualidade, não abriu mão dessa referência, que orientou toda a prática psicanalítica. Ele nos adverte, contudo, que o conceito de sexualidade foi ampliado apenas o bastante para podermos compreender a vida sexual dos pervertidos e das crianças. Esse é um recurso da psicanálise e, fora dela, o que se denomina sexualidade refere-se apenas a uma vida sexual restrita, que serve ao propósito da reprodução e é descrita como normal¹³.

O rompimento

Em 1911, Jung publica a primeira parte do estudo de um caso de esquizofrenia. Esse livro, lançado inicialmente com o título *Contribuições à história do desenvolvimento do pensamento*, foi editado em 1952 com o título *Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*¹⁴.

Jung parte da análise dos poemas oníricos de um autor que se apresenta com o pseudônimo de srta. Frank Miller. Para realizar tal análise, utiliza-se de um artigo de Théodore Flournoy¹⁵, publicado em 1906 - *Quelques faits*

d'imagination créatrice subconsciente - referente ao livro da srta. Miller, intitulado *Fenômenos de sugestão passageira ou auto-sugestão momentânea*. Segundo Flournoy, essa 'autora' americana sofria de distúrbios esquizofrênicos.

Esse livro, segundo Jung, "se tornou um marco, colocado no lugar onde dois caminhos se separaram"¹⁶.

Como Freud não dizia nada a respeito, Emma Jung, esposa de Jung, toma a iniciativa de perguntar, diretamente, quais eram as suas impressões sobre *Símbolos da transformação*. Acreditava que Freud não concordava inteiramente com o livro, pois seu silêncio era "resignado".

Duas semanas depois Freud responde, exprimindo algumas opiniões sobre o trabalho de Jung, elogiando-o, mas não deixa de criticá-lo: diz que esta foi uma das melhores obras que já leu, sendo a melhor coisa que Jung escrevera até então, "embora pudesse vir a fazê-lo ainda melhor"; observou também que o cristianismo limitou o seu horizonte e que fez referências extensas, dando a impressão de estar "mais por cima do material do que por dentro dele", o que tornava a leitura tediosa¹⁷.

Jung agradece os comentários e informa-o de que, na segunda parte do trabalho, aprofundou-se num ponto fundamental da teoria da libido, a saber, o problema que Freud levanta na análise de Schreber, em que articula a perda da libido à perda da realidade. Acredita que esse é um dos pontos em que seus caminhos mentais se cruzam. Em seu ponto de vista, ao conceito de libido deveria ser acrescentado o fator genético para torná-lo aplicável à *dementia praecox*¹⁸.

Freud, imediatamente, responde a essa "intenção" de Jung com o seguinte comentário:

Eu teria muito interesse em saber o que o senhor quer dizer com uma extensão do conceito de libido, para torná-lo aplicável à *Demência praecox*. Receio que haja um mal entendido entre nós, o mesmo gênero de coisa que o senhor declarou certa vez num artigo, isto é, que no meu modo de pensar, a libido é idêntica a qualquer espécie de desejo quando, na realidade, simplesmente afirmo que existem dois impulsos básicos e que somente a força que está por trás do impulso sexual pode ser denominada libido¹⁹.

Inicia-se, efetivamente, o debate sobre a problemática da libido nas psicoses. A partir daqui, veremos cada vez mais intensamente os dois homens se debruçarem sobre o tema e Freud, mais especificamente, edificará o corpo teórico sobre a libido estabelecendo, assim, o lugar da psicose na teoria psicanalítica. Mais uma vez encontramos Jung confuso quanto aos conceitos psicanalíticos. Ele diz a Freud que juntou todas as idéias sobre o conceito de libido que lhe ocorreram ao longo dos anos e dedicou um capítulo a esse tema na segunda parte do seu trabalho. Ele propõe um conceito *genético* da libido, uma vez que tal conceito abrange não apenas a libido sexual recente, mas todas aquelas formas de libido que há muito se dividiram em atividades organizadas. "Um pouquinho de biologia era inevitável aqui"²⁰.

A leitura da primeira parte do livro já é suficiente para afirmarmos que a teoria de Carl Gustav Jung apresenta todas as características do pensamento pré-científico, da teoria do conhecimento que supõe uma união entre sujeito e objeto, uma co-naturalidade entre o sujeito e o objeto, uma harmonia pré-estabelecida entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido, enfim, um pensamento fundamentalmente estruturado pela similitude. Jacques-Alain Miller nos adverte que "todo conhecimento é fundamentalmente ilusório e mítico, na medida em que não faz outra coisa senão comentar a 'proporção sexual'. Toda teoria do conhecimento tem conotações sexuais"²¹. Miller acrescenta ainda que as

'formas primitivas' do conhecimento são todas eróticas, chegando até a se confundirem com as técnicas sexuais. Esse tipo de pensamento opera a partir da dimensão imaginária, em que cada coisa parece ter algo a dizer para o sujeito e tudo se encontra ligado nos elos da semelhança, que se estendem em uma infundável cadeia. Michel Foucault aborda essa configuração especular da realidade considerando o modo como o conhecimento se organizou até o final do século XVI - período anterior ao nascimento da ciência moderna²² - , levando em conta a estrutura narrativa do que ele chama de "a prosa do mundo", ou seja, um mundo que se oferecia sob a forma de uma repetição, enrolando-se sobre si mesmo: a terra repetia o céu, as sete aberturas no rosto humano repetiam os sete planetas no céu, a pintura imitava o espaço, teatro da vida ou espelho do mundo²³. Nesse sentido, afirmamos que a teoria junguiana é um pansexualismo, pois ela se apresenta como um pensamento absolutamente imaginário, no qual há uma profusão de sentido, um excesso de significação.

Essa "tendência" de Jung em encaminhar suas investigações num sentido retroativo ao discurso da ciência, o chamado discurso pré-científico, como acabamos de ver é, nas palavras de Freud, "esconder-se por trás da nuvem religiosa-libidinal"; essa tendência não passava despercebida por ele, mas, apesar disso, ainda resistia em criticá-lo de maneira mais incisiva. Ao contrário, estimulava-o a atacar a questão da libido a fim de obter dos seus esforços muito mais esclarecimento. Podemos supor que essa atitude de Freud se devia ao fato de que a situação de incompatibilidade ainda não estava devidamente configurada e que ele ainda tinha esperanças de que o suíço pudesse consagrar a psicanálise em outros meios, para além do mundo judeu, para além da neurose.

A publicação da segunda parte dos seus estudos sobre a libido é verdadeiramente catastrófica, tanto para o

relacionamento pessoal com Freud quanto para a continuidade de seu trabalho junto à psicanálise.

Todos os símbolos citados por Jung são vistos como representando o poder da libido e o falo, em especial, representando a divindade criativa. Ele se utiliza desses exemplos para mostrar que o termo "libido" introduzido por Freud não é exclusivamente sexual. Ele ainda lança mão de variadas definições etimológicas da libido para justificar o uso mais amplo do termo. Para ele, o conceito de libido na psicologia teria o mesmo significado que o conceito de energia no campo da física.

É no segundo capítulo intitulado "Sobre o conceito de libido" que Jung expressa, com todas as letras, suas idéias em total oposição a Freud. Ele propõe o conceito "energético", que lhe parece mais adequado e lhe possibilita identificar a expressão "energia psíquica" com o termo "libido", ao invés da teoria sexual, proposta nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". Acredita ser mais prudente, ao falar de libido, que o termo entendido como um valor energético possa ser transmitido a qualquer área - ao poder, à fome, ao ódio, à sexualidade, à religião, etc. - sem ser, necessariamente, um instinto específico. Ele termina o capítulo sugerindo que a transmissão da libido para analogias levou a humanidade primitiva a uma série de importantes descobrimentos.

No capítulo seguinte, chamado "Transformação da libido", Jung associa a transformação da libido com o fazer fogo e com o movimento rítmico nos estágios primários do desenvolvimento humano. Ele cita vários exemplos de diferentes períodos da história e de diferentes povos para apoiar a existência de uma semelhança entre os rituais de fazer fogo e a sexualidade. Ele se vale de cerimônias de povos primitivos para exemplificar sua teoria:

[...] provavelmente o buraco na terra é uma analogia ao genital da mãe [...] como o incesto precisa ser evitado, o buraco na terra como que substitui a mãe. Pela prática da cerimônia, a energia de caráter incestuoso é retirada da sexualidade e reconduzida a uma fase infantil, alcançando aí, quando a operação é bem sucedida, uma outra forma e isso equivale a uma outra função [...]. A consequência dessa regressão é que os fenômenos decorrentes da transferência dessa passagem de uma forma para outra têm em si o caráter de ato sexual, mas não são atos sexuais reais. Da mesma forma, a produção de fogo é apenas a analogia de um ato sexual [...]. A libido que regride devido a uma restrição do instinto, ao alcançar a fase pré-sexual, reanima o ato infantil de furar [...]²⁴.

O capítulo prossegue nessa mesma vertente analógica e alegórica própria ao pensamento junguiano. Ele faz inúmeras referências às cerimônias e ritos primitivos para exemplificar a conversão da libido enfocada na zona nutritiva, desviando-a completamente da vertente sexual. Para ele, as cerimônias têm a importância de uma instituição, possuem um sentido determinado, pois representam um procedimento bem circunscrito para a transmissão da libido.

É evidente a predisposição de Jung para traçar um "dicionário de símbolos", na medida que ele dá um significado categórico a cada uma das fantasias que aparecem em sua clínica, promovendo um excesso de sentido.

Após a leitura dessa exaustiva análise que Jung realiza sobre o drama elucubrado pela srta. Miller, fazemos nossas as palavras de Regnault que, chocado com a profusão de imagens e de interpretações, bem como de tudo o que Jung extrai da pobre srta. Miller, imagina o que ele teria extraído de Schreber: provavelmente, a mesma coisa²⁵.

Ao voltar de uma série de conferências que realizou nos Estados Unidos, Jung escreve a Freud, entusiasmado com as modificações que fizera na teoria psicanalítica, particularmente em relação à teoria da libido. Acreditava que a sua nova versão da psicanálise havia conquistado a

simpatia de muitas pessoas que até então estavam confusas com o problema da sexualidade na neurose²⁶.

Freud agradece, cordialmente, as notícias sobre a situação da psicanálise nos Estados Unidos, mas indica que "a batalha não seria decidida lá". Critica a atitude de Jung em reduzir as resistências com suas modificações teóricas e é taxativo ao dizer que ele não deveria se vangloriar disso. Não hesita em adverti-lo que, "quanto mais se afasta do que é novo em psicanálise, mais certeza se tem do aplauso e menos resistência se encontra"²⁷.

A primeira carta de Freud a Jung, do ano de 1913, contém a proposta de que abandonassem, inteiramente, as suas relações pessoais. Freud diz, nessa carta, que "um homem deve subordinar os seus sentimentos pessoais aos interesses gerais do seu ramo de empreendimentos".

Causa certa estranheza, após acompanharmos passo a passo o desenrolar dessa amizade, que o rompimento tenha se dado de uma forma aparentemente tão abrupta. As cartas revelam esse ato de Freud que, apesar de várias tentativas, não conseguiu convencer Jung do equívoco de sua teoria. Acompanhamos também o esforço de Freud, na esperança de conseguir separar a teoria da amizade, elogiando por diversas vezes o livro de Jung. Essa radical tomada de posição de Freud distingue a psicanálise definitivamente da teoria mística de Jung.

É verdade que eles ainda assim continuam se correspondendo, mas nenhuma referência mais, no sentido da vida pessoal de cada um, é citada. Discutem basicamente questões institucionais, publicações e os preparativos para o Congresso de Munique, que seria realizado nos dias sete e oito de setembro de 1913.

Jung apresentou dois trabalhos na Inglaterra. Um na Sociedade Psico-Médica de Londres e outro no 17º Congresso Internacional de Medicina. Na Sociedade apresentou um ensaio intitulado simplesmente *Psicanálise*, no qual

aplicava o nome "psicologia analítica" à "nova ciência psicológica". No Congresso, o título de seu tema foi *On psycho-analysis*, no qual demonstrou as suas divergências com a teoria freudiana da neurose, propondo que ela fosse libertada do ponto de vista puramente sexual e, em seu lugar, propõe o "ponto de vista energético"²⁸.

Para concluir

O que gera a ilusão pansexualista?

Essa ilusão, como vimos, cai com a emergência do discurso da ciência. Então, o que gera a ilusão pansexualista, segundo Jacques Alain-Miller, é que toda significação, enquanto imaginária, é fundamentalmente sexual. O enfoque científico, portanto, supõe uma dessexualização da abordagem do mundo²⁹.

A partir dessa constatação, tomando a proposta de Jung de dessexualizar a libido, o que ele faz não é nada mais senão manter a sexualização intocável. Uma vez que ele funciona segundo as leis do discurso pré-científico, sua teoria se sustenta na pura proporção sexual, numa tentativa de encontrar no mundo a complementaridade ilusória da relação sexual.

Nesse contexto a teoria de Jung, pode-se dizer, é toda ela fundada na crença da existência da relação sexual.

Mas num salto de século lemos Jacques-Alain Miller afirmar, em "Coisas de fineza em psicanálise", que o que anima toda a teoria freudiana da evolução da libido é referência à função reprodutiva da sexualidade. Na medida em que, na evolução da libido, as pulsões parciais vêm subordinar-se ao primado dos órgãos genitais, vêm submeter-se à função de procriação, para Freud a relação sexual existe. "Aquilo que Lacan chama *relação sexual* é o que constitui a referência de Freud para toda sua teoria da

libido, em toda sua teoria das pulsões e aquilo em relação ao qual ele mede as substituições do gozo”³⁰.

Não vou desenvolver aqui, mas fica ainda a tentativa de marcar a diferença entre as transformações da libido propostas por Jung e as propostas por Freud: Jung propõe um retorno permanente da libido, isto é, não existe na teoria junguiana um ponto de escansão para as transformações da libido. Ela regride indefinidamente, buscando o renascimento, buscando uma complementaridade entre o sim sexual e o sim religioso à vida. A teoria do conhecimento revela a expansão desregulada da dimensão imaginária.

Assim sendo, sua libido é encarada como possuindo uma função de acesso a um mundo primitivo dos pensamentos. O mundo antigo chegaria até o nosso por meio do inconsciente coletivo que, por sua vez, teria a libido como a energia - neutra - capaz de potencializar essa memória arcaica, produtora de símbolos e mitos.

Freud, ancorado no discurso da ciência, estabelece um verdadeiro corte epistemológico ao introduzir a noção de sexualidade, dissociando-a radicalmente da idéia de genitalidade. Não havendo uma continuidade entre sexualidade e genitalidade, Freud propõe que a libido seja subtraída ao sujeito para que seu organismo funcione. Um objeto tem necessariamente que estar fora para que a realidade seja constituída. Deve haver uma perda subjetiva para que o mundo interno seja organizado, caso contrário, o sujeito “cairá sob o golpe da *Verwerfung*”.

Embora a maneira como Freud conduz o debate com Jung não sugira sua crença na relação sexual, muito pelo contrário, é surpreendente a afirmação de Miller de que a teoria freudiana da libido, ao subordinar as pulsões parciais ao primado dos órgãos genitais, progride para a convergência da libido numa totalidade unitária.

¹ Esse texto é uma elaboração realizada a partir da Dissertação de Mestrado defendida em 2006, na FAFICH/UFMG, área de concentração em Estudos Psicanalíticos, sob a orientação de Antônio Teixeira.

² Regnault, F. (2001). "Freud anti-alegorista [contra Jung]". In *Em torno do vazio - a arte à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 95-105.

³ Jung (1875-1961) era psiquiatra no Hospital Burgholzli, em Zurique.

⁴ Trata-se de um estudo realizado por Jung, junto aos pacientes internados no Hospital Psiquiátrico Burgholzli; são testes que ele criou a partir do método de interpretação de sonhos de Freud.

⁵ Além de Jung, Paul Eugen Bleuler (1857-1939) interessava muito a Freud. Bleuler era professor de psiquiatria na Universidade de Zurique e diretor do Hospital Burgholzli de 1898 até 1927. Um dos grandes pioneiros da psiquiatria. Reviu todo o conceito de demência precoce, passando a chamá-la de esquizofrenia. Bleuler tentava proporcionar à psiquiatria uma base psicológica, não se contentando com a simples descrição dos sintomas das doenças mentais. Ele e seus colaboradores (entre os quais, Jung), faziam experiências de associação verbal, que lhes permitiram descobrir que o distúrbio comum às diversas formas da então chamada demência precoce é a dissociação psíquica, o que o levou a propor o termo esquizofrenia.

⁶ Zizek, S. (2002, 07 de julho). "Luta de classes na psicanálise". *Caderno Mais! Folha de São Paulo*.

⁷ Mcguire, W. (Org.). (1993). "Carta 2 J, 5 de outubro de 1906". In *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung*. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 42. Essa carta seria o seu livro *Psicologia da dementia praecox*.

⁸ Idem. *Ibidem*, "Carta 8 F", pp. 51-52.

⁹ Idem. *Ibidem*, "Carta 9 J, 29 de dezembro de 1906", pp. 52-53.

¹⁰ Idem. *Ibidem*, "Carta 11 F, 1º de janeiro de 1907", pp. 56-57.

¹¹ Idem. *Ibidem*, "Carta 12 J, 08 de janeiro de 1907", pp. 58-59.

¹² Miller, J.-A. (1985). "Esquizofrenia y paranoia". In *Psicosis y psicoanálisis*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, p. 15.

¹³ Freud, S. (1990[1905]). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. VII, pp. 171-172.

¹⁴ Jung, C. G. (1952[1912]). *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Editora Vozes, vol. V.

¹⁵ Théodore Flournoy (1854-1920) nasceu em Genebra, formou-se em medicina e em filosofia, obteve em 1891, a primeira cátedra de psicologia experimental. Interessou-se inicialmente pelo espiritismo e ocultismo, mas mais tarde acolheu com entusiasmo a teoria freudiana do sonho.

¹⁶ Jung, C. G. (1952[1912]). *Op. cit.*, p. 14.

¹⁷ Mcguire, W. (Org.). (1993). "Carta 280 F, 12 de novembro de 1911". *Op. cit.*, p. 465.

¹⁸ Idem. *Ibidem*, "Carta 282 J, 14 de novembro de 1911", p. 468.

¹⁹ Idem. *Ibidem*, "Carta 286 F, 30 de novembro de 1911", p. 476.

²⁰ Idem. *Ibidem*, "Carta 287 J, 11 de dezembro de 1911", p. 478.

²¹ Miller, J.-A. (2002). "Conferências Caraquenas: elementos de epistemologia". In *Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 41.

²² Foucault, M. (1999[1981]). "A prosa do mundo". In *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, p. 23.

²³ Teixeira, A. (2004). "Conhecimento paranóico e saber científico". In *O tempo, o objeto e o avesso - ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 186.

²⁴ Idem. *Ibidem*, pp. 145-146.

²⁵ Regnault, F. (2001). *Op. cit.*, p. 103.

²⁶ Mcguire, W. (Org.). (1993). "Carta 323 J, 11 de novembro de 1912". *Op. cit.*, p. 521.

²⁷ Idem. *Ibidem*, "Carta 324 F, 14 de novembro de 1912", p. 523.

²⁸ Idem. *Ibidem*, p. 558.

²⁹ Miller, J.-A. (2002). *Op. cit.*, p. 42.

³⁰ Idem. (2008-2009). "Coisas de fineza em psicanálise". Orientação Lacaniana III, 11. Seminário inédito, aula de 03/06/2009.